

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE*

António Brotas**

As universidades de língua portuguesa espalhadas por três continentes, quatro contando com Macau, estão sujeitas em cada um deles a condicionalismos exteriores violentamente diferentes.

As universidades brasileiras desenvolver-se-ão, certamente, no meio simultaneamente vasto e algo fechado dos horizontes sul-americanos. As universidades africanas irão descobrir os seus horizontes africanos e estarão presas, possivelmente por um longo período, dos seus terríveis problemas de desenvolvimento. Nós, nas universidades portuguesas, arriscamo-nos a ficar fechados em órbitas demasiado europeias.

O que é que nos une? Sem dúvida a língua com o que ela contém, tradição e sentir comum.

Nessa brevíssima intervenção, pretendo falar de uma faceta fundamental das universidades de língua portuguesa, que é a sua vincada tradição liberal e democrática.

É algo que vem de longe. José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca do Brasil, foi lente da Universidade de Coimbra, professor de Metalurgia, uma ciência de ponta na época. Mas, além disso, organizou e comandou um batalhão acadêmico, quando da luta contra as invasões francesas. O Imperador D. Pedro I, D. Pedro IV para nós, é o exemplo, possivelmente único na História, de alguém que tendo dado o grito de independência de um país em que foi Imperador, abdicou, e foi depois lutar no país de origem, à frente dos chamados 6 mil bravos do Mindelo que desembarcaram na cidade do Porto onde estiveram cercados um ano, para depois, ao fim de uma longa luta, restabelecerem o liberalismo em Portugal.

* Comunicação apresentada no Encontro de Universidades de Língua Portuguesa realizado no Rio de Janeiro.

** Professor da Universidade Técnica de Lisboa. Secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica do 6º Governo Provisório Português (75/76). Antigo professor da Universidade do Recife (63/64).

Portugal, e muito em particular, a Universidade de Coimbra, foram, durante o século XIX, centros vivos de ideais liberais e democráticos. Os bacharéis brasileiros formados em Coimbra no século XIX não foram, pois, só lá aprender umas vagas luzes jurídicas. Foram, sobretudo, conviver num dos mais vivos centros de idéias liberais da época.

Não sou historiador e não vou alargar o tema, mas vou falar de algo de que fui testemunha e foi de imensa importância para mim. Refiro-me ao deslumbramento que tive quando, em 1963, emigrado político português, cheguei ao Recife e vi pela primeira vez um país de língua portuguesa a viver em democracia.

Era o Nordeste, onde o latifúndio estava a ser posto em causa, onde a Universidade se empenhava nas campanhas de alfabetização de Paulo Freire, com sindicatos livres, onde era tratado por cidadão Antônio. Era, sobretudo, o sonho de um grande Brasil a acreditar em si próprio, com uma imprensa em que tudo se discutia, em que os estudantes se empenhavam e ligavam o seu futuro a projetos como os da Eletrobrás e da Minerobrás.

Do Recife, onde só passei ano e meio, guardo imagens que me acompanharão toda a vida. São recordações que me impõem, também, uma obrigação que cumpro aqui, diante desta assembléia de universitários de língua portuguesa, que é a de falar de dois jovens estudantes brasileiros, jovens porque morreram jovens, que hoje seriam homens de 50 e poucos anos.

Fui há dois dias à Biblioteca Nacional fazer uma pesquisa para lhes encontrar os nomes e encontrei-os num velho jornal do Recife. São eles: Ivan Rodrigues de Aguiar, de 23 anos e Jonas José de Albuquerque Barros, de 17 anos, que morreram no dia 1 de abril de 1964 nas ruas do Recife, acho que posso dizer, pela liberdade do Brasil.

Podia falar-vos, em primeira mão, do que se sucedeu nesse dia no Recife, de aspectos até inéditos, mas seria falar do episódio. Podemos passar por cima disso.

Mas há recordações. Faz hoje exatamente 33 anos que acompanhei a um cemitério do Recife o enterro de um desses jovens. Lembro-me, para além das imagens, do que disse o padre oficiante, professor da Universidade. Não me lembro das frases, lembro-me só de que falou longamente dos anjos, o que me pareceu estranho e irreal. Levei anos para entender. Se me recordo hoje, é porque foi um momento excepcional da vida de um país. Falar dos anjos só é possível num país com uma antiga cultura. É falar de algo que está fora das regras e do tempo dos homens, de algo que, sendo um começo, continua para sempre. Acho que foi por isso que aquele professor da Universidade do Recife falou nos anjos, naquele cemi-

tério em que ia enterrar-se um dos primeiros mortos de uma luta que ia ser longa e dura.

X X X

As universidades são, de todas as grandes instituições atuais, as mais vocacionadas para se pensarem a elas próprias e, talvez - não estou inteiramente certo - as mais capazes de influenciarem a longo prazo o mundo em volta.

No Recife aprendi que é absolutamente impossível pensar uma Universidade sem pensar um país. Permito-me, neste encontro em que pensamos procurar o começo do próximo milênio, olhar o presente e o futuro próximo com os olhos do Recife de 1964.

Olhando para o mundo, para a Europa, nós sabemos, embora raramente se fale nisso - penso que não foi falado neste encontro - que um problema premente, um problema central da Europa no princípio do próximo milênio vai ser o desemprego dos universitários. E quando olhamos o Brasil, que no início do próximo milênio, um problema central do Brasil vai ser o dos “sem terra” e do desemprego dos universitários. Separar uma coisa da outra é nada perceber do que é uma Universidade e nada perceber do que é um país.

O próximo milênio vai ser o da globalização. Mas que globalização? A do *crash* da civilização, do desenvolvimento da técnica e da padronização dos homens, ou uma globalização da diversidade, onde nos seja possível guardar a alma, como já ouvi dizer neste encontro?

Penso que as Universidades de língua portuguesa estão razoavelmente bem apetrechadas para aceitar e vencer o desafio, porque temos poetas e romancistas e lhes damos valor.

Temos de ser realista. Os povos de língua portuguesa e espanhola atrasaram-se, por razões que não vamos agora analisar, na fase da civilização em que o ferro e o carvão (e Newton) deram a alguns povos uma superioridade com que dominaram outros. Mas estamos a entrar na civilização da informática, podemos dizer do *software*, que poderá, talvez, ser mais em nosso favor porque mais espalhado pela Terra.

Os estudantes dos países pobres que estudam Ciências, inclusive nos Estados Unidos, mostram que estes países estão a aceitar o desafio de procurar estar presentes no campo da Ciência, no próximo milênio.

Mas a Ciência só, não chega. O Senhor Ministro da Educação e dos Desportos do Brasil disse aqui, neste encontro, que um dos problemas centrais do Brasil é o da preservação das suas riquezas. Sem dúvida tem razão. Sem o domínio dos seus espaços e das riquezas a cultura e a civilização dos povos tendem a minguar. Por isso, sem dúvida, um problema central do Brasil, neste momento, é o da privatização da VARIG, da Vale do Rio Doce, de outras empresas mineiras, da Petrobrás e das Telecomunicações.

Há hoje uma realidade central no planeta. Há, digamos, uma esfera virtual de 40 trilhões de dólares que circulam nas bolsas, comandados não sabemos por quem, mas certamente não por portugueses, africanos ou brasileiros. A defesa dos interesses nacionais nos países democráticos passa por que os governos, apoiados em estruturas da sociedade, manterem o controle e o comando de alavancas estratégicas e, oferecendo resistência, não deixarem de todo passar o domínio da vida dos cidadãos, das nossas vida, para as mãos das grandes empresas desse capital de natureza nova que circula nessa esfera virtual.

As Universidades, pela sua natureza, têm um papel central nesta resistência. Porque estão cheias de gente jovem, e porque lhes compete não esquecer o passado, olhar os problemas, e inventar e apresentar propostas para o futuro. Porque estão abertas ao exterior e porque, por dever, devem estar em consonância com os seus povos. Em particular, podem usar a sua experiência e os laços de relacionamento entre Universidades para propor e desenvolver mais formas de relacionamento entre os povos.

Seja-me permitido exprimir aqui um sentimento: felizmente para nós, portugueses, existe o Brasil.

X X X

Uma palavra para os nossos companheiros africanos. Embora sem universidades antigas, a luta pela independência dos seus países teve um forte componente universitário, e bem localizado, na então chamada Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, por onde passaram muitos dos que vieram a fundar os movimentos de libertação. Um elemento importante da luta pela independência das antigas colônias portuguesas foi, sem dúvida, uma coletânea de poemas de expressão portuguesa de poetas africanos. Foram esses poemas que primeiro alertaram os estudantes portugueses de Portugal para o problema da nacionalidade e do direito à independência dos povos africanos. Às suas escolas compete, agora e no futuro, contribuir para o desenvolvimento dos seus países e trazer a África ao encontro dos povos.

Queria terminar com o voto de que, num próximo encontro, estejam presentes representantes de Goa e de Timor. Os goeses falarão possivelmente inglês. Não tem inconveniente. A cultura ultrapassa a língua, e a cultura portuguesa é um fragmento pequeno, mas presente, na grande cultura indiana. Portanto, se vierem aqui goeses a falar inglês, eles serão a expressão de um espaço onde a cultura portuguesa encontrou outras culturas.

De um espaço e, de certo modo de um tempo, de um século, o século XVI, em que houve globalidade. Os portugueses foram a todos os cantos do mundo e houve um momento na História em que os povos se encontram em condições iguais. Que nos pode inspirar na procura de uma globalidade em pé de igualdade que temos desejado.